

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê reúne textos elaborados por palestrantes do I Seminário Nordeste de Estudos Culturais e Educação (SNECE), realizado nos dias 28 e 29 de abril de 2025 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O evento foi coordenado pela professora Dr.^a Patrícia Ignácio, contou com a vice-coordenação da professora Dr.^a Mariangela Momo e com o apoio da Rede de Estudos Culturais em Educação do Nordeste (RECENE). O objetivo do I SNECE foi promover um espaço de cooperação científico-acadêmica e de diálogo interdisciplinar entre programas de pós-graduação, pesquisadores/as, professores/as da Educação Básica e Superior, mestrandos/as, doutorandos/as e licenciandos/as, visando fortalecer as redes de colaboração regionais, nacionais e internacionais no campo dos Estudos Culturais em Educação (ECE). Destaca-se que o evento reuniu 250 inscritas/os, entre estudantes de pós-graduação, pesquisadoras/es, licenciandas/os, professoras/es da Educação Superior e Básica e demais profissionais da educação, contou com 17 palestrantes e recebeu 135 trabalhos, posteriormente publicados em anais eletrônicos e em e-book.

A partir das contribuições apresentadas no Seminário, alguns/mas dos/as palestrantes produziram os artigos e os ensaios deste dossiê, filiados às teorizações dos Estudos Culturais em Educação (ECE), em diálogo com perspectivas pós-críticas, feministas, decoloniais e foucaultianas, as quais interrogam práticas educativas e culturais que atravessam, participam e constituem a Educação Básica, bem como outros espaços formativos.



À luz dessas teorizações, os textos reunidos neste dossiê problematizam modos de produção de subjetividades, disputas curriculares, pedagogias culturais, tecnologias digitais, escritas de si, corpos, gêneros, sexualidades e arte, compreendendo a educação como uma prática cultural, política e historicamente situada.

Ao mobilizar diferentes artefatos culturais — como narrativas, fanzines, performances artísticas, mídias digitais, práticas docentes e escritas ensaísticas — como objetos e operadores analíticos, o dossiê evidencia a produtividade dos Estudos Culturais para tensionar naturalizações, desestabilizar regimes de verdade e ampliar as maneiras de pensar a educação, a escola e à docência em contextos marcados por intensas transformações sociais, tecnológicas e políticas. Os textos que o compõem foram organizados em quatro eixos temáticos, nos quais se articulam: “Estudos Culturais, escrita, experiência e docência como invenção”; “Estudos Culturais, Educação Básica e disputas contemporâneas”; “Estudos Culturais, tecnologias, cultura digital e pedagogias culturais”; e “Estudos Culturais, corpos, arte, gênero, sexualidade e decolonialidade”.

O Eixo 1, “Estudos Culturais, escrita, experiência e docência como invenção”, congrega textos que tomam a escrita e o gesto ensaístico como práticas de formação, criação e reinvenção de modos de existir, pensar e educar. No artigo “Michel Foucault: a escrita como arte de existir”, que abre este dossiê, Jorge Ramos do Ó analisa a escrita, à luz do pensamento foucaultiano, como uma prática ética e estética de si, compreendida como arte de existir. Distanciando-se de concepções totalizantes, sistemáticas ou redentoras do intelectual, o texto situa a escrita como exercício permanente

de problematização do presente e como possibilidade sempre aberta de invenção de novas formas de existência e de debate público no contexto do segundo pós-guerra, marcado pela proliferação de discursos de verdade e salvação. Ao recusar identidades fixas, métodos universais e posições intelectuais pastorais, a escrita foucaultiana é apresentada como prática de liberdade, voltada não à conversão do outro, mas à criação de formas singulares de pensar, viver e relacionar-se. Ao articular escrita, experiência e saber, o artigo evidencia a dimensão política, inventiva e ética do pensamento de Foucault, afirmando a escrita como potência de transformação e de imaginação de outros modos de vida. No ensaio “A despeito da incompreensão, escrever”, Leandro Belinaso compreende a escrita como processo inventivo e modo de estar no mundo, articulando educação, cotidiano e arte contemporânea a partir de encontros e conversas com uma professora da Educação Básica. O texto aborda práticas pedagógicas com crianças pequenas, tecidas em interação com esculturas de aço de Richard Serra, e propõe a escrita como exercício ético, político e criativo no campo da educação.

No Eixo 2, “Estudos Culturais, Educação Básica e disputas contemporâneas”, reúnem-se textos que inscrevem historicamente os Estudos Culturais em Educação no Brasil e os mobilizam como lente analítica para interrogar as articulações entre cultura, escola e processos de escolarização. Os trabalhos analisam as contribuições desse campo para compreender a Educação Básica como espaço de produção de sentidos, subjetividades e modos de governo, em contextos atravessados por disputas políticas, culturais e midiáticas. Em “Estudos Culturais e os novos olhares sobre a Educação Básica: possibilidades emergentes”, Marisa Vorraber Costa revisita seu percurso intelectual na aproximação entre Educação Básica e Estudos Culturais, evidenciando a virada epistemológica e política promovida por esse campo nas pesquisas educacionais brasileiras. O texto salienta a centralidade da cultura como

instância constitutiva dos processos educativos, analisa deslocamentos teórico-metodológicos que ampliaram a compreensão do pedagógico para além dos limites institucionais da escola e problematiza desafios contemporâneos que incidem sobre a Educação Básica. Entre eles, ganham destaque as disputas em torno do homeschooling e as formas de captura e modulação das subjetividades infantis e juvenis pelas mídias digitais. No artigo “Entre artefatos culturais, escolarização e narrativas orais infantis: a Educação Básica sob as lentes dos Estudos Culturais em Educação”, Patrícia Ignácio analisa investigações desenvolvidas ao longo de sua trajetória acadêmica, com o objetivo de evidenciar formas de mobilização dos Estudos Culturais em Educação para compreender como a cultura incide na produção de subjetividades e orienta maneiras de viver em sociedade, bem como para problematizar os processos pelos quais nos tornamos quem somos a partir da experiência escolar. Para tanto, o texto segue três percursos investigativos que analisam artefatos culturais, processos de escolarização e narrativas orais de crianças-estudantes. A partir desses movimentos analíticos, problematizam-se os processos de subjetivação e os modos de viver produzidos no e pelo cotidiano escolar. Evidencia-se, ainda, como tais processos são atravessados por pedagogias do consumo que operam na articulação entre escola, cultura e mercado, produzindo racionalidades, desejos e modos específicos de ser, estar e conviver dos sujeitos escolares.

Os textos que compõem o “Eixo 3 - Estudos Culturais, tecnologias, cultura digital e pedagogias culturais” discutem os efeitos da cultura digital, da inteligência artificial e das máquinas semióticas na produção curricular, no trabalho docente e nos rituais contemporâneos de subjetivação. Rosângela Tenório de Carvalho, no artigo “Ritual de submissão à máquina semiótica: uma pedagogia cultural”, problematiza a cultura digital como pedagogia cultural e discute os rituais de submissão à máquina semiótica como objetos de saber-poder-

ser, centrais para compreender as dinâmicas de subjetivação nas sociedades contemporâneas. Já em “Produção curricular e docência na era da Inteligência Artificial Generativa: modos de endereçamento instagramável e tiktokável e implicações pedagógicas”, Danilo Araujo de Oliveira e Fernando Uily Almeida Carvalho analisam, a partir de uma abordagem pós-crítica e do uso da netnografia, as maneiras pelas quais a Inteligência Artificial Generativa é endereçada a docentes nas redes sociais digitais e apontam processos de tecnicização do fazer pedagógico, padronização curricular e precarização do trabalho docente.

O Eixo 4, “Estudos Culturais, corpos, arte, gênero, sexualidade e decolonialidade”, incorpora produções que, sob o aporte teórico dos Estudos Culturais em Educação, tomam o corpo, a arte e a sexualidade como campos privilegiados de disputa epistemológica, política e pedagógica. Integra esse eixo o ensaio teórico “A estética decolonial de Juliana Notari: corpo, ferida e memória como pensamento”, de Ana Paula Abrahamian de Souza, que analisa a videoperformance Amuamas (2018), da artista pernambucana Juliana Notari. Mobilizando contribuições dos Estudos Culturais e das estéticas decoloniais para compreender a obra como dispositivo produtor de pensamento, a autora articula corpo feminino, natureza e memória colonial. O ensaio problematiza as feridas históricas inscritas no corpo-terra e nos corpos generificados e propõe a arte como um potente campo de produção epistemológica sensível. Em sua tessitura analítica, o texto evidencia a estética da resistência e da cura em face das violências coloniais e ambientais, tensionando modos de pensar os processos educativos sob essa perspectiva. Ainda nesse eixo, no artigo “(Bio)docências e educação sexual além do biológico: ensaiando problematizações”, Elaine de Jesus Souza tensiona a centralidade do enfoque biologizante na educação sexual. Como operadores analíticos para problematizar discursos hegemônicos sobre corpos, gêneros e sexualidades, a autora

toma fanzines produzidos na disciplina optativa Educação Sexual na Perspectiva dos Estudos Culturais (ESPEC), ministrada por ela e ofertada desde 2019 em uma Universidade Federal para cursos de licenciatura em Biologia, Ciências Naturais, Pedagogia, Química, Física e Matemática. O texto enfatiza a necessidade da abordagem do tema desde a infância, defendendo a incorporação de perspectivas feministas e de gênero nos currículos escolares.

Em seu conjunto, os textos deste dossiê reafirmam a relevância, a potência teórico-analítica e a capilaridade dos Estudos Culturais em Educação para pensar a educação, a escola, o currículo, os sujeitos escolares e a docência, indo além de modelos normativos, técnicos ou universalizantes. O dossiê convida o/a leitor/a a habitar zonas fronteiriças de indagação, a experimentar deslocamentos teórico-metodológicos e a compreender a educação como campo atravessado por disputas de sentido, por regimes de verdade e por possibilidades de crítica, invenção e criação de outros modos de viver, ensinar e aprender.

Desejamos que artigos que compõem o Dossiê Temático possam produzir reflexões produtivas aos leitores.

Boa leitura!

Patrícia Ignácio
Mariangela Momo